**Retrospectiva Histórica sobre a Educação no Brasil: Uma herança de Séculos**

**Luci Maria da silva[[1]](#footnote-1)**

**Universidade Federal da Paraíba**

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Resumo

O presente artigo tem a finalidade de apresentar uma síntese dos diversos aspectos práticos e teóricos do Ideário da Capoeira. As informações coletadas são dados considerados significativos, para uma reflexão referente à nossa prática com a intenção de ajudar na sensibilização daqueles interessados em encarar a Capoeira como instrumento educativo, dentro da perspectiva de um olhar pedagógico. Estão relacionados os aspectos filosóficos, sociais e democráticos da história da sociedade brasileira.

Palavras-chaves: Capoeira, história, Afro-Brasileira, aprendizagem.

**Capoeira: A support to the learning Process**

Abstract

This article aims to introduce a summary of practice and theory points of view from the ideology of Capoeira. The information collected were considerate significant to our habit, with the intention to help our wants to face Capoeira as an educational instrument on the description inside of pedagogical perspective. The history of Capoeira is related to the philosofhical, social and democratic aspect of the Brasilian´s society.

Key Word:

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

 A Educação que temos hoje no Brasil é resultado de um processo histórico não resolvido, que perdurou até a atualidade. Em plena era da informação e do conhecimento; que refleti o século XXI, contudo, ainda tem grande parte da população excluída do processo educacional. Esta assimetria social é descrita por diversos autores como sendo uma herança também do século XIX.

 E ao mesmo tempo, há muita controvérsia, quando aos fatos e acontecimentos que são relacionados nestes períodos históricos. A interligação dos processos sociais, econômicos, políticos e culturais relativos ao desenvolvimento Educacional Brasileiro reflete uma grande complexidade, surgindo diversas versões a este respeito. Segundo Saviani (O Legado Educacional do “Breve Século XIX” Brasileiro, 2006) é tido como:

 “(...) Conscientes, porém, de que os momentos significativos que marcam as eras ou os períodos históricos não coincidem com a passagem de um a outro século conforme a contagem cronológica, os historiadores são levados a flexibilizar a referida categoria lançando mão de expressões como “breve século” e “longo século (...)”.

 Então, para o referido autor, por exemplo, um acontecimento pode ter início em um século e terminar em outro; é o caso do “Breve Século XIX” de acordo com Saviani. Este período da história da Educação Brasileira começa em 1821 e vai até 1890. Destacando na cronologia dos ocorridos a promulgação das Escolas de Primeiras Letras e findando com a implantação dos grupos escolares em 1890.

 Há muita controvérsia em relação a palavra pedagogia, cujo significadoSegundo Cotrim (História E Consciência Negra no Brasil, 1996, p. 78):

Vieram negros de diversas tribos africanas, os principais grupos foram:

 Os Bantus das tribos negras do sul da África, geralmente Angola e Moçambique, foram levados principalmente para: Pernambuco e Rio de Janeiro, sendo os que mais se destacaram na arte da Capoeira.

 Os Sudaneses das tribos negras de Daomé, Nigéria e Guiné, foram levados principalmente para a Bahia. Porém, se destacaram na prática de feitiçaria, os quais eram peritos.

 Para ter-se uma ideia, em todos os países onde existiu escravidão não houve nada que se igualou a Capoeira. Na verdade, só para o continente Americano trouxeram 20 milhões de escravos, um quinto desse total veio para o Brasil, ou seja, quatro milhões de escravos.

 Provavelmente, a Capoeira nasceu no campo, entre os negros escravos trabalhadores dos engenhos. Depois, a modalidade se difundiu pelas cidades, onde a brincadeira da fazenda teria evoluído. Naquela época, a Capoeira representou para os africanos uma condição cultural para defende-se e responder às violências que eram acometidos.

 

Fig. 1 - Chegada dos primeiros escravos ao Brasil.

 Romanelli caracteriza esta sociedade como sendo fundamentada numa economia colonial, patriarcal e ruralista de grandes propriedades e mãos-de-obra escravas, que teve implicações de ordem social e política, (História da Educação, 1978, p. 23). Desde o processo colonizador até a independência e a república, passando por guerras e perseguições, a Capoeira esteve sempre presente no curso histórico de nosso povo. Romanelli (1978), defini esta época como:

“Aos Senhores de engenhos e donos da terra, a esses cabiam os devidos direitos à educação, e, mesmo assim, em números restritos. Porquanto deveriam estar excluídos dessas minorias as mulheres e os filhos primogênitos. A escola era frequentada somente pelos filhos homens que não os primogênitos”.

 Estes recebiam apenas, além de uma rudimentar educação escolar, a preparação para assumir a direção do clã, da família e dos negócios, no futuro. Era, portanto, a um limitado grupo de pessoas pertencentes à classe dominante que estava destinada a educação escolarizada.

 Em relação a educação, o processos de ensino e de aprendizagem, ministrados pelos padres jesuítas era completamente alheios à realidade da vida na colônia.”

 Porém, o crescimento da revolta negra é ainda maior, não apenas por causa da violência física, mas devido à violência simbólica exercida pelos dominadores que se esforçavam para impor aos negros novos valores culturais, tais como o catolicismo, a língua portuguesa, “boas maneiras”, etc. Nas palavras de Freire:

 O sincretismo religioso afro-brasileiro, expressa a resistência ou a manha com que a cultura africana escrava se defendia do poder hegemônico do colonizador branco. (Pedagogia da Autonomia, 1996, p.87).

 Na percepção de Freire, é isso que caracteriza esta sociedade hegemônica constituída de alguns portugueses nascidos no Brasil.

 Já por volta de 1600, na Serra da Barriga é formado o Quilombo dos Palmares. Neste local que se dividia em mocambos, viviam negros nascidos de diversas tribos africanas, com costumes e dialetos diferentes, ao lado de outros, que chegaram crianças aqui ou tendo nascido no Brasil, traziam já a marca da cultura dos brancos. Em Palmares moravam também índios que teriam sido escravizados e fugiram; mulatos e até brancos provavelmente fugitivos da lei.

 Muitas vezes a penalidade por praticar a capoeira era o tronco. O conteúdo cultural que foi transportado para a colônia, através da formação ética: negros, europeus, padres da Companhia de Jesus, consistindo a esses últimos portar os conteúdos intelectuais, que se materializava pelo espírito da contra reforma, caracterizada, sobretudo por uma enérgica reação contra o pensamento crítico, como método e como filosofia, pela reafirmação da autoridade, que a igreja, exigia dos povos. Enfim, a problemática cultural está ligada à identidade das pessoas, no sentido de saber o que são, e de onde vieram. Este conhecimento é fundamental para terem segurança de lutar, discutir o seu papel na sociedade. Descreve Cotrim (História E Consciência do Brasil, 1996):

O tráfico negreiro foi um dos setores mais lucrativos do comércio colonial. Os lucros com a compra e a venda de escravos iam para a Metrópole: para a burguesia envolvida nesse negócio e para o rei que recebia os impostos. Porém, a partir de 1750, o sistema colonial mercantilista começou a sofrer grave crise, a causa ampla e profunda foi a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra.

 Com isso a Indústria passou a substituir o comércio na condição de principal setor econômico de acumulação de riquezas.

 Além do monopólio do comércio, o sistema de produção industrial também rejeitava a escravidão, pois o escravo não recebia salários pelo seu trabalho e, portanto, não podia comprar os produtos industrializados.

 Quando Napoleão invadiu Portugal, em 1807, a família real e seus numerosos acompanhantes embarcaram para o Brasil em 29 de outubro de 1807. A corte chegou à Bahia em 22 de janeiro de 1808, e permaneceu por mais de um mês. Depois D. João e sua comitiva rumaram para a cidade do Rio de Janeiro onde foi instalada a sede do governo. A vida urbana nesta cidade ficou agitada.

 Os mercados de escravos eram lugares onde os Senhores e Feitores e demais interessados em comprar negros, se reuniam. Ali havia até leilões para a compra das peças (como eram chamados os negros escravizados).

 Já os imigrantes que aqui chegaram, receberam do governo terras e em outros casos se facilitou sua aquisição. Enquanto aos negros foram negados esses benefícios. É importante frisar aqui, que tudo isto não acontecia por acaso, fazia parte dos planos do governo de embranquecero Brasil.

 Por volta de 1814, a Capoeira e outras expressões culturais negras começaram a serem reprimidas e perseguidas pelos senhores.

 Então ocorreram vários fatos que contribuíram para a descontinuação da escravidão. Na convergência para a finalização da escravidão, porém de maneira lenta e a favor da classe dominante, (Campanha da Fraternidade, CNBB – 1988, p. 12-13). Pode-se dizer que foram as seguintes:

1. **A Lei Eusébio de Queirós (04 de setembro de 1850)** diminuiu e reprimiu em níveis irrisórios o tráfico de escravos africanos. Milhares destes deixaram de entrar no país. Tabela 1- Os números de escravos que entraram no Brasil entre 1845 e 1856.

|  |
| --- |
|  **IMPORTAÇÃO DE ESCRAVOS** 1845..................................................... 19.453 PEÇAS 1846..................................................... 50.325 PEÇAS 1847..................................................... 56.172 PEÇAS 1848..................................................... 60.000 PEÇAS 1849..................................................... 54.000 PEÇAS 1850..................................................... 23.000 PEÇAS 1851..................................................... 3.278 PEÇAS 1852..................................................... 700 PEÇAS 1853..................................................... \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ 1856............ 1856..................................................... 512 PEÇAS  |

 **FONTE: VIRGÍLIO NOIA PINTO, EM BRASIL EM PERSPECTIVA P.137. (Telecurso, 2000-**

 **2° Grau – História do Brasil – Vol 1).**

 E nesse sentido o panorama vai cada vez mudando, e a diminuição de escravos trazidos para o Brasil é cada vez menor, porém, a população de negros no país é grande. Para Werneck (1998, p. 75-76):

 A contribuição do negro para a formação étnica do Brasil, além de sua participação na formação psicológica do povo brasileiro. A miscigenação, que foi permanente, teve uma fase áurea no 2º império. Ela se processou das camadas inferiores para as superiores. Favoreceu a lenta ascensão do elemento negro, que ajudou a marchar à ideia abolicionista e a circulação das elites.

 As leis que seguem, só irão contribuir para caracterizar o desinteresse com uma grande maioria da população brasileira.A Campanha da Fraternidade (CNBB, 1988, p.12-13):

 2-A Lei do Ventre Livre (28 de setembro de 1871), os senhores de engenho sabendo que estava cada vez mais acelerado o processo de fugas dos escravos para os quilombos conseguiram passar essa lei, cujo resultado foi, na prática, pôr nas ruas os filhos dos escravos, surgindo assim os primeiros menores abandonados nas ruas brasileiras.

3-A Lei do Sexagenário (1885), garantia à liberdade aos escravos com 60 anos. Porém, que lei é essa? Que libertou trabalhadores sem assistência médica, e ou qualquer meio de sobrevivência, numa idade tão avançada. Isto é, quando os negros chegavam a essa idade. Pois, após 10 anos de trabalhos forçados, o negro perdia totalmente sua saúde.

4-A Lei Áurea (1888), quando essa lei foi assinada, apenas 5,6% da população negra estava ainda oficialmente sob o regime escravo. Os demais já haviam conquistado sua liberdade, por fuga ou compra da carta de alforria, devido à recompensa de ter lutado na guerra do Paraguai e finalmente fazendo outros serviços.

Portanto a Lei Áurea só libertou os homens brancos da dívida social que tinham para com os escravos. Essa lei jamais significou para o povo negro, dia da liberdade. Concretizou, sim, o dia da institucionalização da miséria, da desgraça. Que liberdade é esta que deixa um povo sem terra para morar, sem pão para comer e proibido de estudar? Não se pode conceber liberdade sem esses requisitos acima citados.

Na elaboração destas Leis não houve preocupação em exigir que os exploradores indenizassem os trabalhadores (as) negros (as) por seus excessivos trabalhos, lhes deu direitos de ocupar parte das terras do Brasil, que estavam desocupadas. O que acontece ainda hoje com os descendentes dos antigos quilombos, os quais vêm suas terras invadidas por fazendeiros, e que por direito lhes pertence.

Como por se só esta crueldade não chegasse, deixou ainda uma canga nas costas do povo negro, que teve consequências sérias, isto é, toda a deturpação, de defeitos injustificáveis sobre esta população.

Apôs a escravidão, em 1888, ex-escravos capoeiristas não teriam encontrado lugar na sociedade e caíram na marginalidade, levando consigo a capoeira, pois salários na época não existiam, e havia um forte preconceito. Entregues a própria sorte, os negros procuravam desesperadamente uma ocupação, principalmenteno Rio deJaneiro, Capital do Império. Nestor Capoeira, (1999), descreve que:

Entre um serviço e outro, eles se reuniam nas esquinas e jogavam Capoeira, para se distraírem e ocuparem o tempo, aproveitando para reclamar de sua condição social através das músicas. Muitos desses grupos de escravos libertos reuniam em bandos organizados que furtavam, roubavam e matavam, chamados de Maltas**.**

Como escravos foram libertados pelo império, esses grupos se achavam em dívida com o imperador e tratavam de defender a monarquia contra a república, sendo influenciados é claro, por políticos. Esse período entre o fim do império e o início da república marca a idade de ouro da Capoeira carioca.

 Os grupos faziam arruaças em comícios republicanos, badernas, não só no Rio de Janeiro como também em Recife e Salvador, levando o pânico à população.

Os capoeiristas com sua fama de valentões, jádemonstravam um forte processo de organização, que cada vez mais era posto em prática.

 **PERÍODO REPUBLICANO (1889) ATÉ OS NOSSOS DIAS**



Fig. 2-Jogo de Capoeira ou Dança de La guerra (Rugendas).

Segundo Nestor Capoeira (1999), menciona:

(...) Era hora de vingança dos republicanos pelas arruaças dos capoeiristas monarquistas. Para cobrir essas atitudes, os policiais eram encorajados aos maiores abusos. Para se ter uma ideia do que significava jogar Capoeira nessa época, a pena consistia em 300 chicotadas, regadas a sal e cachaça, além da ida ao calabouço.

 Em 11 de outubro de 1890, é programada a Lei n° 487, de autoria de Sampaio Ferraz, que passou a fazer parte do novo código penal Brasileiro, abolindo de vez a prática da Capoeira, punindo com cadeia de dois a seis meses ou deportação para Fernando de Noronha aos que manifestassem essa arte. O capitulo XII art. 402 que tratava “Dos vadios da capoeira”, (Pequeno Manual do jogador, p.43).

 A marginalização da Capoeira no Recife, em Salvador e no Rio de Janeiro aconteceu da seguinte maneira conforme Valdemar de Oliveira (1971):

 No Recife os “moleques de banda” saíam à frente do desfile das bandas no carnaval. Quando duas bandas se cruzavam, eram inevitáveis a violência e o derramamento de sangue. Os pulos e a ginga destes capoeiristas foram, mais tarde, transformados no passo, que é a dança executada no som do frevo.  (Valdemar de Oliveira, Frevo, Capoeira e Passo, Idem Oscar de Melo, Recife Sangrento, 1931).

As perseguições e punições prosseguiram até 1932, quando Getúlio Vargas no período do Estado Novo fala da tomada da Capoeira juntamente com outros elementos culturais, como: o samba e as manifestações de origem negras, tipicamente descriminadas, e populares os símbolos culturais do país, eram necessários, num momento em que o governo precisava de apoio popular para legitimar-se enquanto ditadura. Assim, aproximando-se do povo através da manifestação de símbolos étnicos o governo tinha mais uma estratégia de aceitação.

 Assim, após assistir a uma demonstração de alunos do Mestre Bimba, que havia criado a Capoeira Regional em 1930, liberou a prática da capoeira em todo território nacional. Surge à fase das Academias, e as mais famosas foram as do Mestre Pastinha, Capoeira Angola, e a do Mestre Bimba, Capoeira Regional. A Capoeira passa a ser ensinada em recinto fechado, a capoeira saí das ruas. Em 1932, o governo passou a se sensibilizar com as manifestações da Capoeira, porque sentia um grande interesse no público alvo adepto desta arte popular. Segundo é relatado em Oficina de Capoeira, 2002, os acontecimentos se sucederam com a visão Abaixo:

 Pode-se afirmar que a história da Capoeira Regional, do início da década de 30 até meados da década de 50, é a história da aproximação do Mestre Bimba com as instituições oficiais e seus representantes.

 A assimilação de elementos estranhos a Capoeira, permitiu sua aceitação por parte do grupo dominante, como esporte.

 E a agregação dos praticantes de Capoeira, a confederação Brasileira de Pugilismo, em 1973*.*

 A partir dos anos 80, é observada a prática da Capoeira nas Escolas pública e privadas, com enfoques pedagógicos, psicológicos e didáticos. Já Falcão (1996), protagoniza:

 A inclusão da Capoeira no ambiente escolar está crescendo muito nos últimos anos, tal processo tem sido realizado principalmente por intermédio da Educação física.

 Também em alguns casos, a Educação Física deturpa um pouco a prática da Capoeira, querendo propagar critérios tão somente esportivos. Porém, a antropologia é uma das áreas do conhecimento que tem contribuído com a Capoeira, dentro de concepções pedagógicas sobre ritos e mitos tratando e enfocando a diversidade racial e cultural desde a sua origem nos séculos passados até os nossos dias, a filosofia, a sociologia e a pedagogia, constituem as dimensões que tratam de conhecer, pesquisar e divulgar a capoeira. Assim:

 Nos anos 90, é detectado o apogeu da Capoeira nas escolas. Atualmente a Capoeira é representante de nossa cultura no exterior. Afirma-se que a nova arte marcial é mais procurada em Nova Iorque que o caratê.

 A Capoeira nos anos 2000 tem conquistado adeptos em mais de 40 países, da América à Europa, e é considerada no exterior em pé de igualdade com qualquer outra cultura de nível mundial. (Revista Praticando Capoeira, ano II).

 Enfim, no Brasil, a Capoeira representa uma retrospectiva da história do Afro-Brasileiro, a visão panorâmica, ressalta os méritos, a força, a capacidade de adaptação, sobrevivência e a resistência, inacreditáveis de um povo, levada as escolas, também como uma possibilidade de apoio a aprendizagem.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Hoje, a capoeira é Patrimônio Imaterial da Humanidade, está inserida em vários espaços, inclusive no ambiente escolar. De um lado, as descriminações ainda existem, de outro, o legado histórico que deixou e nos dias atuais continua vivenciado por seus participantes, então, isso tudo deixa viva as tradições do legado negro. São várias considerações e todas são reflexões de diversos autores que descrevem a influencia da capoeira e dos capoeiristas na sociedade brasileira.

**REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA**

CAPOEIRA, Nestor. Capoeira: Pequeno Manual do Jogador. 1ª edição, Arte hoje, Rio de Janeiro, 1999.

Campanha da Fraternidade – CNBB – 1988.

COTRIM Gilberto. Historia e Consciência do Brasil Vol. 1, 1°grau, 10ª edição, São Paulo, Saraiva, 1996, p.143.

FALÇÃO José Luiz Airquera. A escolarização da capoeira. Brasília, Asefe, Royal

Court, 1996, p. 05-145.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

CADERNOS DE PEDAGOGIA. Oficina de Capoeira: a escola em movimento.

Fundação Cultural de Palmares, Jequié, 2002.

OLIVEIRA, Valdemar de. Frevo, Capoeira e Passo. Recife, Companhia editora de Pernambuco, 1971.

QUERINO, Manuel Raimundo. Costumes Africanos no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S/A, 1938, p. 351.

REVISTA PRATICANDO CAPOEIRA, D+T, ano II, Edição Especial, n° 16, INSS

 1517-6218.

ROMANELLI, Oliveira Otaíza de. História da Educação no Brasil, 1960-1973. Rio de

Janeiro, Vozes, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. Panorama do Segundo Império. 2ª edição-Rio de Janeiro,

Graphia, 1998, p. 350.

TELECURSO 2000, História do Brasil. 2° grau, volume 1, Editora Globo, São Paulo, p. 174.

1. Mestra em Políticas Educacionais na Universidade Federal da Paraíba. [↑](#footnote-ref-1)